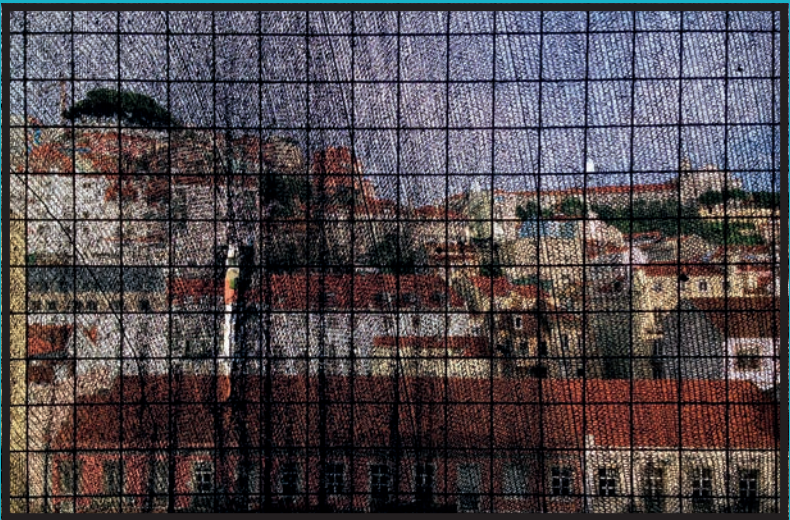


**SUSANA  
MOREIRA  
MARQUES**

---

**Terceiro andar  
sem elevador**  
Notas de Lisboa



# Sobre o silêncio

1.

Todos os grandes aventureiros o sabem: não existe ausência de som. Por mais que se vá aos confins do planeta, há sempre sons para escutar. Deve ser isso que dá esperança a quem viaja para ver se há fim do mundo, ou a quem viaja para fugir do fim do mundo: encontrar sinais de outra vida.

2.

Vou dar com a minha filha mais nova já em cima da cadeira que está encostada à janela; a janela aberta.

A casa tinha ficado silenciosa de repente. Levantei-me para ir procurá-la, sem qualquer outra razão a não ser o facto de não a ouvir falar com os bonecos ou com o espelho nem cantar canções do repertório *Frozen* para um público invisível.

.....

### 3.

Há mais de uma década que vivo em terceiros andares, todos eles, claro, sem elevador. Já antes de ser mãe vivia num terceiro andar sem elevador, e, mesmo depois da perspectiva de bebés com os seus carrinhos, sacos de mudas de fraldas, mudas de roupa e restante parafernália, continuei a viver em terceiros andares sem elevador.

Tinha as minhas razões, pouco compreendidas por avós e pessoas mais práticas do que eu, para escolher um terceiro andar: mais luz e menos barulho, que são de extrema importância para quem trabalha em casa; e, sobretudo, a possibilidade de uma vista. Era com uma vista que eu sonhava quando voltei para Lisboa depois de viver em Londres. Não uma vista qualquer mas: a queda lenta e harmoniosa dos telhados, o azul quase imóvel do rio visto de longe, e sobre tudo isso uma espaçosa faixa de céu. Seria essa a vista que traria outra respiração à minha vida, inspiração, quem sabe, felicidade.

Demorei bastante a perceber que não depende da paisagem o silêncio que por vezes há em mim.

### 4.

Em Arroios, muito silêncio é mau sinal. É sinal, por exemplo, de tragédia. É sinal de que não se pôde sair à rua. É sinal de que há um exílio a acontecer, um exílio da vida normal, essa que é barulhenta, que se afirma acima do ruído dos outros, que nos dá a possibilidade de sermos olhados até numa multidão.

.....

5.

Finalmente, grávida da segunda filha, o lado prático levou a melhor, e mudei-me para o bairro onde a mais velha já andava na escola e onde poderia fazer toda a rotina familiar a pé. Por azar ou por sorte, acabei novamente num terceiro andar, mas sem vista de rio.

Pequenas coisas que são agora a minha vista: o vaso de cravos do senhor idoso de um prédio em frente; o fresim com que a rapariga toxicodependente, já de barriga, explora o contentor de doações da junta de freguesia na esquina de trás; o abandono cheio de ambição dos rapazes que partilham um apartamento e costumam fumar na varanda; o polícia a patrulhar o edifício do Banco de Portugal («Mãe», pergunta a mais nova, «aquele prédio é daquele senhor?» «Não, filha, é de todos nós», respondo, sem estar certa do que digo).

6.

Nem Londres, nem Nova Iorque, talvez nem São Paulo. O campo — com o seu tipo específico de silêncio — é o país mais distante das minhas crianças. Quando vamos para o campo — faço questão de irmos para uma casa no meio do nada pelo menos uns dias por ano —, já sei que a primeira noite é difícil. A minha filha mais velha não consegue dormir porque não se ouve nada. E porque está tão escuro lá fora?

Na primeira noite, ainda que esteja no paraíso, ela quer voltar para Arroios.

.....

7.

Mentiria se não dissesse que há silêncios visíveis todos os dias no meu bairro. Há silêncios por vezes mais ruidosos do que o sobressalto provocado pelas ambulâncias, que passam demasiadas vezes a caminho dos vários hospitais próximos, ou do que o frémito constante do movimento na Avenida Almirante Reis. Silêncios que medem a distância entre as pessoas, num sítio onde vivemos demasiado perto uns dos outros — e que tantas vezes me fazem lembrar Londres.

Poderia falar do silêncio entre a minha filha e alguns colegas chineses que, ao fim de três anos, ainda não têm palavras para estar na escola tal e qual os outros meninos. Ou do silêncio do rapaz nepalês que costuma estar à porta da mercearia sempre vazia da minha rua, enquanto as pessoas passam sem olhar para ele. O silêncio dos homens imigrantes, que andam nos passeios em pares ou trios, mesmo quando conversam entre eles.

8.

Não importa se sabemos muitas ou poucas línguas. Todos aprendemos a dominar o silêncio. É talvez a única linguagem que temos em comum. Essa dos sorrisos, dos olhares, do gesticular, de pequenas acções que, por vezes, dizem o que não somos capazes de pronunciar. Mesmo quando temos uma língua para comunicar, numa cidade, num bairro como este, a simpatia está nas pequenas atenções dos silêncios.

.....

Neste caso, é um silêncio que não é tanto ausência de som mas uma forma de escuta.

9.

Também vejo telhados da minha janela mas, como não estou no topo de uma colina, em vez de descerem, sobem. Erguem-se acima do meu olhar. Consigo apenas adivinhar as janelas mais altas, as que ficam mais longe da rua, mais silenciosas, mas também mais solitárias, sem a banda sonora ao vivo da cidade.

10.

Nos últimos dias, a minha filha mais nova começou a responder-me com gestos, como se, tendo aprendido a falar tão bem, agora com três anos precisasse de aperfeiçoar a arte do silêncio.

11.

Dizem os especialistas que, até aos sete anos de idade, uma criança não é capaz de entender a morte, ainda que aprenda a pronunciar a palavra «morte» e a conjugar o verbo «morrer». Então, como explicar à minha filha o que acontece se ela cair do terceiro andar?

Falo-lhe da vida. Das coisas que ela não poderia fazer se caísse. A vida, ela entende. Compreende correr, saltar, falar, cantar, abraçar, dançar, fazer barulho.

.....

# Sobre desvios

## 1.

O rapaz tira a camisola, apesar do frio. Avança para o meio da rua. O outro rapaz está vestido e tem um boné, apesar de ser de noite. É mais alto do que o primeiro e aproxima-se, ameaçador. O tronco nu do rapaz brilha com as luzes dos faróis. Durante uns instantes, os carros param na estrada e, apanhados de surpresa, demoram um pouco até começarem a apitar. São onze da noite, os vizinhos ainda estão acordados e assistem das janelas. Durante uns instantes, os rapazes param de gritar. Rodam um sobre o outro, mudando de posições. Medem-se. Dão passos coordenados. Mostram o seu baile. Durante uns poucos minutos, são protagonistas de si mesmos, estrelas das suas vidas.

## 2.

A minha filha mais velha pergunta-me porque é que tem que se tirar o chapéu na sala de aula. Eu improviso

.....

uma resposta, mas a verdade é que a pergunta é mais interessante do que uma possível resposta. Porque é que se põe um chapéu quando não faz sol? Porque é que os homens tiram as camisolas para lutar? Porque é que arregaçam as mangas? Onde — como? — é que aprendemos a dança diária dos corpos?

### 3.

Quando fui viver para Londres, tive dificuldade em adaptar-me ao ritmo da cidade. Sempre me tinha orgulhado de andar depressa, mas afinal eu não era rápida para o padrão londrino. O *London pace* era algo a que as pessoas se referiam frequentemente. Ou se era capaz de adquiri-lo, ou não. Esse modo de caminhar não era só uma questão de velocidade, mas também uma questão de atitude: de quem não será demovida, nem pela lentidão dos outros, nem por um cruzamento, nem mesmo por um encontrão; o passo de quem sabe que não se pode distrair em nenhum momento, porque viver é exigente.

Claro que, quando voltei para Portugal, tive dificuldade em voltar a caminhar sem que parecesse que a própria vida corria atrás de mim.

Também só ao fim de muito tempo fora da minha cidade natal é que, ao regressar, me espantou que as pessoas se olhassem tanto e tão directamente: no Porto, quando dois desconhecidos se cruzam, ainda que não parem, parece sempre haver uma pausa de reconhecimento.

.....



4.

Em Lisboa, aprendo a arte do desvio. Essa arte de nos aproximarmos mas sabermos afastar-nos a tempo. De mudarmos de direcção sem termos planeado, porque encontrámos alguém ou porque não encontrámos alguém. De interrompermos o sentido do trânsito para começar uma luta — ou um romance. Às vezes, de deixarmos que uma pessoa que conhecemos passe sem chamarmos por ela, sem criarmos um impasse no movimento nos passeios.

Mas é possível que, quando me afaste, não veja na cidade uma coreografia tão elaborada nem tão difícil de executar.

5.

Se eu disser que o rapaz que tirou a roupa é negro, o que é que isso muda? Se eu disser que há uma rapariga que nunca sai do passeio, que não invade a rua, que não tira a roupa, que fica como espectadora da cena e observa a dança dos rapazes desde essa posição, de que maneira a cena passa a ser diferente?

6.

Outros exemplos, díspares, de desvios: as viúvas dos naufragos, antigamente, numa pequena cidade da costa, a evitarem o mar, caminhando por ruas interiores em vez de na marginal, para manifestarem o seu desagrado com a natureza das ondas; os rapazes, a correrem sem protecção

.....

para os touros na largada, numa aldeia de fronteira, a chamarem alto por eles e a afastarem-se dos cornos apenas no último minuto, o corpo desenhando um arco salvador; as adolescentes nas grandes cidades, a virarem a cabeça mesmo antes do beijo.

7.

Quando voltei de Londres para Lisboa, a mudança pareceu-me uma correcção de curso mas muitas vezes, agora, penso que talvez tenha sido um desvio de uma outra vida que me estava destinada. Talvez a nossa vida não seja uma sucessão dos caminhos que escolhemos mas uma sucessão dos desvios que fizemos desses caminhos.

8.

Há coisas inexplicáveis. Fenómenos estranhos. Sentimentos esquisitos que a literatura ainda não foi capaz de aprofundar. Reacções da vida selvagem e dos átomos, que os cientistas levarão anos a descrever com precisão. Depois, há as coisas que nós tornamos inexplicáveis. Que não questionamos. Que trabalhamos para que se tornem tão parte da vida como as plantas crescerem na terra e as ervas despontarem na calçada contra a nossa vontade.

A minha filha não sabe porque é que se tira o boné na sala de aula, mas tira. A minha filha não sabe porque é que os rapazes lutam, mas vê-os lutar na escola. Não sabe porque é que já apressa o passo — ou corre, se for sozinha

.....

na rua com o meu enteadado, um pouco mais velho —, mas fá-lo. Em breve, vai aprender a mudar de passeio estrategicamente. O seu corpo aprenderá muitos movimentos — alguns, talvez, ofensivos — que se tornarão instintivos para a sua sobrevivência. Em inglês, há a expressão *streetwise*, mas não se trata de sabedoria, antes de um treino: uma prática diária até que ela seja uma mulher que não se pergunta porque anda de determinada maneira na cidade.

9.

Os rapazes estão muito juntos. Podem bater um no outro a qualquer momento. Mas seria mais surpreendente que se abraçassem. Não fazem nem uma coisa nem outra. Depois da sua dança e de alguns movimentos ameaçadores de cabeça, acabam por se afastar. Desviam-se da luta, fingindo que ambos venceram. Quando a polícia chega, já tudo acabou.

10.

O rio está sempre a mover-se. É algo que aprendemos em crianças, na escola. Que um rio corre, e corre sempre na mesma direcção. Que conseguir um desvio do seu curso implica um enorme dispêndio de energia humana. Mas não é por sabermos disto que constantemente não caímos na ilusão de o acreditar parado.

.....

---

## *Terceiro andar sem elevador*

«*Sempre gostei de guardar postais de lugares próximos de mim, mais do que de lugares distantes. Tenho em casa, por exemplo, um postal de uma das ruas onde vivi em Lisboa, logo após o regresso de Londres. Não é uma recordação: é uma nota a mim mesma para me lembrar do quanto viajei para quase não sair do lugar.*»

Em *Terceiro andar sem elevador*, Susana Moreira Marques é autora e, ao mesmo tempo, personagem de uma história que se conta em episódios sem sucessão previsível. Estas «Notas de Lisboa» encadeiam-se a partir da relação de uma mulher com a cidade onde vive, mas ramificam-se pelos lugares que essa mulher habitou: lugares que são geografias, mas também desejos, desencontros, livros, noites de festa, uma criança que cresce, um amor que acaba, uma recordação que parecia perdida.

Mais do que a narrativa do quotidiano num bairro lisboeta, este é um livro sobre o tempo moderno — o que se vislumbra num ecrã digital ou de uma janela de sacada. A escrita fragmentária espelha, contra-intuitivamente, uma ideia de literatura que parte do real e do particular, para se transfigurar numa hipótese, num modo possível de vida em liberdade.

não-ficção literária | 4



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

[companhiadasletrasportugal](#)

[penguinlivros](#)

SBN 9789897876165



9 789897 876165 >